

MALTA

O exotismo mediterrâneo do país amarelo

TEXTO E FOTOS DE JOHNNY MAZZILLI





A um minuto do pouso na pequena capital La Valetta, acordei de um sono pesado e estiquei um olhar sonolento pela janela do avião. O que vi, surpreso, foi um país amarelo – até onde eu podia enxergar, morros baixos amarelos e pardacentos pontilhados de construções amarelas formavam um mosaico exótico. Aquilo não se parecia com nada que eu tinha visto até então. No aeroporto, decidi alugar um carro e só depois vi que os carros tem o volante na direita, herança da colonização britânica. Saí do aeroporto dirigindo de forma exageradamente cautelosa, e aos poucos me adaptei ao esquema de trocar as marchas com a mão esquerda e dirigir na mão contrária. Embora não seja um bicho de sete cabeças, a força do hábito é a maior responsável pelos muitos acidentes envolvendo turistas: as saídas das rotatórias são um convite a uma batida, de modo que muitas vezes segui uma

dica básica: se você tem dúvidas onde deve entrar, não se arrisque nas saídas de uma rotatória – dê uma, duas ou três voltas e ensaie sua saída. Embora eu não tenha batido em ninguém durante os sete dias que rodei por este diminuto país, várias vezes freei subitamente a poucos metros de outros veículos. Como os locais sabem que tem uma rara condição mundial de tráfego invertido, me olhavam de forma indulgente e balançavam a cabeça.

Malta é um país arquipélago, formado por três pequenas ilhas: Malta, Gozo e a desabitada Comino (Camúna, pros malteses). Em toda parte, muros baixos de pedras amarelas e nos terrenos, videiras de uvas brancas ou cactus de frutos vermelhos, usados para fazer o Bajtra (báitra), um licor típico. Apesar do calor intenso, há uma expressiva produção de vinhos brancos. Malta é um país realmente singular. Não tem montanhas nem rios, somente um ribeirão com um metro de largura e meio de profundidade,





pouco para abastecer uma população de aproximadamente 350 mil habitantes. Quase toda a água doce consumida no país vem de três plantas de dessalinização de água salgada, um processo caro e que consome muita energia elétrica, por sua vez oriunda da queima de petróleo. Esse cenário encarece a água e a eletricidade e aumenta a dependência energética do país.

Com poucas fábricas e muitas empresas não poluentes, o país se orgulha de seu forte turismo. Rodeada por águas de um azul turquesa que nada devem ao melhores visuais do Caribe, Malta é freqüentada por hordas de turistas durante os doze meses do ano, ávidos por um oásis de tropicalidade em plena Europa. Os italianos são os mais assíduos. De junho a agosto, no verão europeu, as temperaturas as vezes ultrapassam os 40° C, sufocante até para padrões brasileiros. No inverno, de dezembro a

fevereiro, as temperaturas são amenas. Tudo devido à localização geográfica do país, a 100 quilômetros da Sicília, no extremo sul da Itália e a pouco mais de 300 quilômetros da Tunísia, no norte da África.

Malta foi disputada por fenícios, cartagineses, romanos, árabes e normandos. A ocupação britânica começou em 1801 e se encerrou com a independência do país em 1964. O país teve uma participação inusitada na Segunda Guerra Mundial. Foi duramente bombardeada pela aviação alemã, por ser um elo importante de ligação entre o sul da Itália e o norte da África. A força aérea maltesa, composta por quatro aeronaves antigas até para a época, deteve o avanço da Luftwaffe com um velho avião maltês para dez aeronaves nazistas, bem mais modernas e velozes, e os pilotos malteses resistiram por seis longos meses de batalhas, perdendo apenas um avião.



Sucessivas invasões moldaram o exótico aspecto multicultural de Malta. É nítida a forte influência árabe, assim como a italiana, presente na comida, no modo de vida e arquitetura. Os clássicos varais na varanda, comuns em Nápoles e outras regiões da Itália, estão em todo lugar. As rochas calcárias abrigam conchas pré-históricas e fósseis marinhos. No Ta Ricardu, uma agradável taberna em Gozo, uma espécie de trilobita, artrópode do Paleozóico, emerge silenciosamente do calcário aolado de minha mesa. “Almoço com o trilobita na Ilha de Gozo”, pensei. A localização geográfica das ilhas proporciona uma luminosidade quente e duradoura, e o país sedia várias mega produções hollywoodianas. Gladiador, Conde de Monte Cristo e Tróia foram filmados lá, assim como centenas de produções de menor porte. O litoral do arquipélago é bastante recortado por penhascos. Lanchas, iates e veleiros cortam as águas,

repletos de turistas. O idioma maltês é falado apenas nas três ilhas do arquipélago. Deriva de dialetos árabes mas absorveu forte influência inglesa e italiana. É o único idioma árabe escrito em alfabeto romano. Uma surpreendente mistura só.

Em La Valetta, vielas estreitas pontilhadas de bares e restaurantes de comida siciliana e frutos do mar fervem de turistas. Grande parte da cidade é cercada de muralhas e fortificações, à noite cuidadosamente iluminadas. La Valetta, expoente do barroco europeu, abriga centenas de monumentos públicos e é uma obra de arte a céu aberto. De manhã, vá até a vila pesqueira de Marsaxlokk (Mársash lóç), a poucos quilômetros de La Valetta. A baía repleta de barquinhos multicoloridos, emoldurada pelas construções barrocas da “avenida” da praia, compõe um visual vibrante e colorido. Aproveite para almoçar no Ta Peppi, um restaurante pequeno e modesto que serve



peixes e crustáceos de preparo simples e surpreendentemente saborosos. Barracas oferecem um mundaréu de quinquilharias e inutilidades domésticas. Preste atenção aos belíssimos bordados malteses, doces típicos e garrafas de Bajtra.

A noite, uma opção mais sofisticada é jantar no restaurante do Hotel Meridién, na movimentadíssima Balutta Bay (baía de Balutta), aproximadamente 25 km de La Valetta. Não perca o Upper Barrakka Gardens, um jardim público erigido em 1661, onde se tem uma visão dramática do Grand Harbour e das três cidades fortificadas do outro lado da baía – Vitoriosa (Bírgu, para os malteses), Cospicua e Senglea. Foi no Upper Barrakka que conheci um senhor muito curioso. Com 96 anos, lúcido, falante e de humor afiadíssimo, ele é membro do Conselho de Notáveis de Malta, advogado e reitor da Universidade. Apreciava a vista em companhia de

dois amigos, e a certa altura de nosso animado papo, se saiu com essa: “Entre a honra e o dinheiro, o segundo será o primeiro”.

No dia seguinte perambulei pelas vielas e fortificações do lado oposto da baía, nas cidades fortificadas. De lá apreciei o visual do Upper Barrakka, onde eu estivera no dia anterior. Pouco antes do anoitecer voltei ao Upper Barrakka para um fim de tarde. Mdina, a “cidade silenciosa”, perdida no tempo, com seus becos e vielas tranquilas, igrejas e casarios antigos, abriga algumas vidrarias de Murano maltês que produzem maravilhosos vidros artesanais. Vale a pena uma ida aos penhascos da Blue Grotto, uma gigantesca formação calcária a beira mar. Mais interessante do que sua visão superior é um passeio de barco em seu interior. Por fim, não se esqueça de trazer para casa uma garrafa de Bajtra, o adocicado licor local. Sahhiet! (saúde!)